

TE 238  
Aderbal Junior

A greve valeu um "Oscar"

"Oscar" de melhor documentário deste ano. "Harlan County, USA" é o filme de Barbara Koppler que desperta polémicas e é sucesso de crítica em seu país. O assunto é a greve mineira que paralisou a cidade por mais de um ano. P. 15.

# A TRIBUNA

29 Caderno  
Não pode ser vendido separadamente

Vitória,

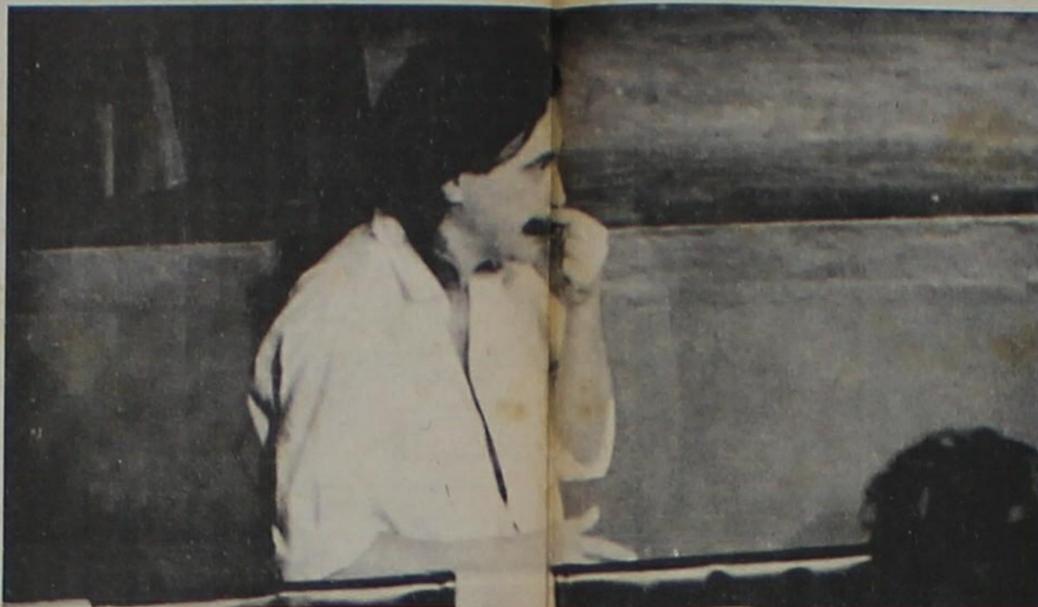
quarta-feira, 31 de agosto de 1977

Première mundial em Cachoeiro.

"Os Amores de uma Pantera", história de José Louzeiro filmada por Jece Valadão, estreia hoje em Cachoeiro em apresentação especial. O filme explora a morte de Angela Diniz, morta no verão passado em Búzios, RJ. Com Reinaldo Gonzaga e Vera Gimenez.

## ADERBAL JÚNIOR SÓ QUER SABER DE TEATRO:

"O teatro vivo não conhece fronteiras", afirma Aderbal Júnior, 36 anos, 22 de teatro. Cearense de Fortaleza, ele dirigiu, nos últimos sete anos, doze peças e uma ópera. Hoje ele encerrará no Teatro Estúdio o curso que veio ministrar a convite da Fundação Cultural, de interpretação e direção. Aderbal conhece Vitória desde 1971, quando foi apresentada no Teatro Carlos Gomes a peça "A Mãe", onde atuava



com Tereza Rachel e José Wilker. "O Segredo do Velho Mudo", de Nelson Xavier, a primeira montagem de "Reveillon", de Flávio Marcio, e "Crimes Delicados", de José Antonio de Souza, foram encenadas aqui entre 1972 e 1975. Aqui ele fala de seu trabalho e experiência, que o tornam personagem importante na roda viva do teatro brasileiro.

## "Não trabalho para ganhar dinheiro"

Início de entrevista. Comodamente sentado, no hotel, Aderbal Júnior declarava: "O importante é que o clima de experimentação que existe atualmente no Rio e em São Paulo se espalhe pelo Brasil. E sirva como impulso para o florescimento do teatro de cada região. O teatrão acadêmico, que considero como uma forma de atividade teatral falida feito por estrelas, só é possível nos grandes centros, onde nasceu e agora agoniza. Mas o teatro vivo não conhece fronteiras, porque busca fundamentalmente sua linguagem cênica e procura uma ligação energética entre o palco e plateia. Este está sendo feito em Salvador, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, principalmente.

### UMA OPÇÃO

Aderbal Júnior começou no teatro amador aos 13 anos, em Fortaleza. "Numa época em que ainda existia o copiado, que dava a cada ator apenas a sua fala para ele decorar em casa". A peça era "A Lenda do Mosteiro".

Na biblioteca do pai ele já devorava vários textos. "Sempre gostei muito de ler teatro, talvez porque fosse mais fácil e menos cansativo que um romance". Conheceu bem o chamado "teatro fuleiro": as peças de Gastão Trojeiro, Arthur de Azevedo, França Júnior, Alvaro Moreyra. Numa viagem ao Rio, em 1953, o pai o levou para conhecer o palco. "Vi Alda Garrido em "Dona Xepa" e "As Árvores Morrem de Pé", de Alexandro Casona um autor que na época curtia muito", lembra ele.

"Permaneci no teatro amador até 1962. Nesta época, estava envolvido com o Centro de Cultura Popular, que fazia espetáculos para o povo em sindicatos, fábricas e no interior. Na mesma ocasião passou pelo Ceará, o Univolante, um grupo do Rio. Nele vinha gente como o Nelson Xavier, Oduvaldo Vianna Filho, Ferreira Gullar, pessoas que estavam a fim de um teatro feito para a massa, mas que atingia mais os estudantes. Era um movimento um tanto romântico, que procurava levantar uma série de idéias sobre como e porque fazer teatro. E traziam o profissionalismo".

Ao lado do teatro, Aderbal Júnior tinha mil e uma atividades. De 1958 a 1967, foi radialista em todas as emissoras da região. Começou na "Dragão do Norte" e terminou como diretor

Entrevista a Roberto Rocha

artístico da Assunção. "Além disso conta ele, em 1960 procurei petróleo para este país. E de '60 a '62, fui vendedor de móveis de aço". Cursou Direito na universidade do Ceará de '60 a '66, chegando a advogar até 1970, quando, já no Rio ingressa definitivamente no teatro profissional.

"A única atividade a qual me mantia fiel era o teatro, confessa ele. Hoje sou um dos únicos atores só de teatro que existem no Brasil. A maioria faz também televisão, cinema, comerciais, etc."

"Não faço teatro para ganhar dinheiro, afirma ele. Dar um golpe só para sair ganhando monetariamente, isso não farei nunca. Isto não quer dizer que eu não queira ficar rico. O sistema que a gente vive. Mas se fosse o caso de eu me prostituir, continuava advogando ou vendendo móveis de aço. Televisão só fiz no Ceará".

A Globo ele não teve curiosidade de experimentar.

"Trabalho com pessoas da Globo, diz ele, e conheço sua angústia. Angustiado eu já vivo com o teatro que é o que gosto de fazer. Mas não tenho carro nem telefone. Muitas são as dificuldades do teatro. As pessoas tendem a ver com dificuldade apenas a censura, que sem dúvida é um obstáculo imenso, mas não o único. O teatro brasileiro é muito mais artesanal do que industrial. Isto gera uma série de problemas, principalmente financeiros para os grupos. Além disso, a nossa tecnologia ainda é pobre. Nós ainda usamos resistência de luz à base de soluções de sal e água, o que não impede a criatividade. Várias fórmulas de produção são tentadas pelos grupos. E para mim a melhor talvez seja o sistema de cooperativa, onde todos são responsáveis pelo grupo. É fato que a maioria dessas experiências não deram certo. Mas, arrisco a afirmação de que elas foram mal planejadas, o que não invalida a tese. O teatro brasileiro é pobre, e os grupos tendem a atuar dentro de cooperativas ou com a ajuda de organismos oficiais. Existe ainda o problema da regulamentação da profissão de ator, que é muito importante para o teatro. Mas vai ajudar principalmente o pessoal da televisão, onde existe maior

Foto de Romulo Muzziello. F2

exploração. O desnível de salário é gritante. Enquanto alguns atores ganham Cr\$ 100 mil, outros ganham Cr\$ 1 mil. Além disso, as emissoras costumam prender os atores nas gravações por tempo indeterminado, fazendo eles perderem seus outros compromissos. É muito comum, no Rio um ator não aparecer para fazer uma peça porque está gravando uma novela".

### UMA NOVA DRAMATURGIA

Das onze peças que dirigiu em 1972 até hoje, apenas duas são de autores estrangeiros. Apesar disso, Aderbal Júnior não considera que esteja engajado num movimento nacionalista. E ele mesmo afirma que prefere não usar rótulos. "Ao se lidar com o texto e de distância. Ao montar um texto, o diretor deve transformá-lo em algo real. E isso ele só consegue aproximando a obra de sua própria realidade. "A Morte de Danton", meu último trabalho, apresentado este ano, nas galerias do Metrô do Rio, e que eu considero como a melhor coisa que fiz foi escrito pelo alemão George Buchner, em 1835, quando o ator tinha 21 anos, é sobre Revolução Francesa. No entanto, um texto que fala da legitimação do assassinato político não poderia ser mais atual".

Outro trabalho que ele gosta de se referir é a montagem da ópera "I Re Pastore", em 1975, na Sala Cecília Meirelles. "Acho a ópera de Mozart lindíssima. Os teatros de ópera não devem mais ser construídos, simplesmente porque não atendem as necessidades cênicas de hoje. Mas elas devem ser encenadas sempre".

No entanto, Aderbal Júnior acha que se deve cuidar mais de nossa memória teatral e cultural. E para ilustrar a morte gradual desta memória, ele conta um caso dramático.

"Há algum tempo, durante uma viagem pelo interior do Rio de Janeiro, conheci J. Silva, que foi proprietário dos circos-teatros Nerinho e Garcia, e ajudou a formar o circo-teatro Dudu, durante as décadas de 40 e 50. Esses circos-teatros viviam excursionando pelo Brasil, com elenco fixo e repertório de mais de 60 peças. Nos Estados Unidos, o J. Silva talvez estivesse dando conferências nas universidades. Aqui ele morreu pobre e abandonado. Seu único testemunho, foi uma fita que gravei com ele".

Ao todo foram nove autores montados por Aderbal Júnior: Mário Prata ("Cordaô Umbilical", 1972), Leilah Assunção ("Amanhã, Amélia, de Manhã", 1973), Roberto Athayde ("Apareceu a Margarida", 1973, com Márlia Pera), Flávio Marcio ("Reveillon", 1974), Oduvaldo Vianna Filho ("Corpo a Corpo", 1975), Aldomar Conrado ("O Vóo dos Pássaros Selvagens", 1975), José Antônio de Souza ("Crimes Delicados", 1976), Alcione Araújo ("Bente-Altas, Licença Pra Dois", Belo Horizonte, 1976) e Qorpo-Santo. A maioria deles surgiu após a deflagração de um movimento dramático, cujas cabeças Aderbal Júnior aponta como sendo Antônio Bivar, José Vicente e Leilah Assunção. "Estes autores continuam a influenciar a nova geração. Como membro da comissão do Concurso Nacional de Dramaturgia, promovido pelo teatro, pude observar que a influência de um Bivar, por exemplo, é maior do que a de autores de maior peso que vieram antes, como Nelson Rodrigues".

### UMA EXPERIÊNCIA NO PARÁ

Ano passado, a convite da universidade do Pará, Aderbal Júnior passou dois meses em Belém, ministrando um curso de interpretação. Ao final foi apresentado o espetáculo "Guerra no Teatro da Paz", reunindo três peças de José Joaquim Campos de Leão Qorpo Santo, autor gaúcho de século passado, que no mês de maio de 1866, escreveu cerca de vinte peças curtas, as primeiras do teatro do absurdo.

"As peças eram: "Hoje Sou Um; e Amanhã Outro", que fala sobre a grande guerra; "Mateus e Mateusa", sobre a guerra familiar; e "As Relações Naturais", sobre os reflexos da guerra. Eu apresentei o espetáculo com todas as luzes do Teatro da Paz acesas, inclusive o belo lustre central. E pela primeira vez o nu foi apresentado nos palcos paraenses. Na véspera da apresentação, no cinquentenário do poeta Max Martins, eu, o Benedito Nunes, fundador da escola de filosofia do Pará, e algumas pessoas fundamos a Academia Paraense de Letras, cuja próxima reunião foi marcada para o centenário de Max Martins".

No curso que realiza em Vitória, Aderbal Júnior pretende fazer um trabalho de dez horas sobre textos de Qorpo Santo. E ver para crer.